



Gaiato

25 DE NOVEMBRO DE 1972
ANO XXIX — N.º 749 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Setúbal

Nem já me lembro há quanto tempo não escrevo para o jornal.

Não gosto de pessimismos e muito menos de ajudar os pessimistas. A vida trouxe-me uma forte depressão. Como fraco que sou, deixei-me ir no abatimento. Nunca me convenci de estar vencido pois confio n'Aquele que tudo vence, mas deixei-me deprimir. Com Cristo tudo está concluído e tudo está por fazer. Eis a razão do meu silêncio.

O Rogério, vindo da Guiné em Junho, tem sido um doce cireneu e tem dado contas aos leitores das impressões mais felizes e mais relevantes da nossa vida. Que o seu forte ideal de doação cresça e se robusteça, pois esta Obra não progride sem grandes ideais.

Os Vicentinos voltaram de novo a nossa Casa.

A sua presença dá-nos alegria e honra.

Passei com eles a parte da manhã em oração ao Senhor e a ouvir a Sua Palavra. Nada como a Voz do Senhor Jesus para nos iluminar. «Quem escuta as minhas palavras e as põe em prática é como o homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha».

«Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição e muitos são os que seguem por ele. Como é estreita a porta e quão apertado é o caminho que conduz à Vida e como são poucos os que o encontram!»

Em grupos, estes cristãos contestaram a sua própria vida comunitária. Com arrojo. Com decisão. Com alegria. Temos de ser testemunhas de Cristo.

Comprámos uma camioneta nova. A velha, com 8 anos, quase 400.000 quilómetros e 4 motoristas novos que nela adquiriram experiência de condução, andava a cair aos bocados. É conhecida em toda a cidade a nossa camioneta. É alvo de muitos olhares de simpatia e... também de antipatia...

A nova custou mais de cento e meio de contos. Demos algum dinheiro de entrada. O resto?... — iremos gemendo todos os meses. Quem nos ajuda?

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

Aquela terra que, tantos anos, vimos a dar pão, ora semeada de milho, ora plantada de batatas, ora alinhada de couves, está hoje cheia com o grande edifício das novas oficinas. Vai continuar a dar pão: pão do trabalho, pão da instrução, pão da educação. Vai continuar a ser mãe, dando a vida a muitas vidas.

O edifício que ocupa a área de 900 metros, comeu carradas e carradas de pedra nas fundações e milheiros de tijolo, sem conta, até ao cimo das paredes. Tivemos de fazer duas grandes encomendas de ferro para pilares e vigas de betão. As remessas de cimento desapareceram num instante. O montão de areia tem de ser renovado com frequência.

Esta semana começaram a montar a estrutura para o telhado. É uma estrutura metálica feita em oficinas especializadas de Santarém. Veio uma equipa e o trabalho parece bem.

Na próxima semana virá a Lusalite fazer a cobertura. Esperamos que fique perfeita.

Chegou há dias uma camioneta de ferro e chapa para portões, portas e janelas. Serão feitas nas nossas oficinas.

A nossa equipa construtora, que comecou e tem perseverado, vai agarrar-se aos acabamentos. Dela hão-de sair artistas.

Esta primeira parte, a maior à vista dos olhos, foi a menos custosa. Espera-nos a mais difícil: o equipamento e a montagem.

Para já serão oficinas de serralharia de construção civil e de carpintaria marcenaria. As duas que temos há muitos anos. Não ambicionamos um equipamento que seja a última palavra, mas desejamos oficinas práticas, que sejam escolas para formar muitos e bons artistas, oficinas apetrechadas com tudo o que seja indispensável ao fim a que se destinam.

Vai ser mais uma etapa dura na nossa vida. Quando sentimos as forças a diminuir, apetece-nos parar. Já há tantos anos continuamente em obras! Apetece-nos parar. Mas a vida dos rapazes, a manifestar vida por todos os poros, fa-ém-nos recuperar ânimo e andar para a frente. São eles que nos arrastam.

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

Património dos Pobres

Manuel Pinto trouxe-me um papelinho com um número muito pequenino, já. Era o saldo da conta-Património dos Pobres. Com aquele gesto mudo queria ele prevenir-me de que teríamos de parar neste tão saboroso «cortar cheques», como Pai Américo gostava de dizer... e de fazer.

Pois o correio seguiu uma pequenina resposta ao meu ilustre secretário. Pequena sim, mas resposta: um cheque de 12 contos. Tinha chegado uma nota de mil de um Pároco que nos mandou um menino e não quis fazê-lo «a seco»; e Manuel propôs: «Não quer dar-lhe destino?...» E eu dei mesmo: Património. De modo que, nesse dia, apurámos um número de que os supersticiosos não gostam e que eu achei muito engraçado e continuaria a achar se se repetisse muitas vezes.

Mas que são treze contos em cima de uns pòzinhos de nada?! É certo que até hoje ainda cortámos cheques! E amanhã?...! Quem pode resistir a mensagens como estas, de Párocos que se doem pelos seus, que fazem suas as dores maiores dos que Deus lhes confiou de alma e corpo?

«Venho mais outra vez propor-lhe um caso de subsídio para a telha.

Já são bastantes os que lhe trouxe, pelo que receio comecar a tomar-me por pedinção. Garanto, porém, que tenho bem vivas na minha reflexão a natureza e proveniência do auxílio e, como é meu dever, tenho tido o cuidado de estimular a reflexão dos interessados.

O caso de hoje é o seguinte: um casal na casa dos 40 com uma filha somente; têm vivido em Sobrosa e adquiriram um pouco de terreno na minha paróquia onde estão a acabar de construir uma casa modesta mas dentro das condições minimamente requeridas para a concessão do subsídio; porão a telha para a

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA



A padiola contribui — ainda hoje!... — para a formação dos «Batatinhas».

PELAS CASAS DO GAIATO

BENGUELA

A NOSSA ALDEIA — As casas da nossa Aldeia estão concluídas. E têm sido ponto de inúmeras visitas. Toda a gente que vem cá diz-nos que ficam muito surpreendidos. Não haja dúvidas, a maior parte conhece-nos através do nosso jornal e não fazem a mínima ideia do que isto seja. Pois caros leitores, a nossa porta está sempre aberta. Por isso, não tenham medo de entrar.

Estamos, agora, com o salão de festas, e o rinque de patinagem, dois sectores que nos fazem muita falta. E, depois, será uma oficina, que está a tardar: a nossa tipografia. Era para ser no fim das casas de habitação. Agora será... não se sabe ainda quando!

Estamos à vossa espera — repito — para nos visitarem. E nos ajudam...

Zé Luís

SETÚBAL

PRESENCAS VIVAS — O Dia dos Fideis Defuntos passou por nós com um cariz diferente dos restantes do calendário. Embora se apresentasse bastante chuvoso e uma aragem fria soprasse constantemente, ele emprestou a cada rapaz dos maiores desta Casa um calor e sentido de novidade que difícil será sempre esquecer-lo pela vida fora. Foi uma lição sublime e comovente a colhida naquela tarde enevoada e friorental! Vi uma trintena de rapazes dos 16 aos 20 e poucos anos, de que eu fazia parte, postados diante das sepulturas de dois jovens iguais a eles. A adolescência viva, carregada de sonhos e aspirações, em frente a uma adolescência morta que cortou cerce esses mesmos sonhos e aspirações. As presenças sempre vivas em nós do Barbosa e do Faustino ensinaram-nos esta verdade. Seus risos e toda a sua juventude foram apenas o silêncio daquela hora e a certeza de se encontrarem junto do Pai do Céu. Quantas vezes a juventude se queda por um momento, ainda que pequenino e roubado a tantos e tão grandes de suas vidas, para chorar os seus mortos e rezar para que eles encontrem no Além a recompensa de todos os seus sofrimentos, canseiras, rasgos de caridade, justiça e generosidade que tiveram nesta passagem rápida pela terra? Quantas vezes a juventude guarda um minuto de meditação diante da campa dum irmão, dum amigo, de alguém que na vida lhe foi querido e desapareceu jovem, na flor da idade, como ele o é e como também poderia ter desaparecido? É tempo de acordar, ó Mocidade, porque ele há tantas coisas a fazer — e a gente perde-se e arrasta-se por um trilho que tantas vezes é ilusório e a nada conduz! Que ao menos os mortos nos ensinem que assim é...

A hora do Terço em nossa Casa temos sempre presentes as imagens do Ilídio, do Carlitos, do Barbosa e do Faustino. Quatro rapazes nossos que desapareceram do nosso convívio ainda mais novos que eu. O Ilídio — conhecido entre nós pelo «Eusébio» — faleceu no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, com 19 anos, vítima duma longa doença que o minava e no meio de sofrimentos atrozes. Seu corpo repousa no cemitério do Lumiar. Quando por lá passamos perto lembramos a sua presença com um Pai Nosso. O Carlitos era uma criancinha feliz quando num desastre violento a morte o veio buscar. Ficou completamente destróado pelas correias duma máquina, na padaria de nossa Casa de Miranda. O Barbosa morreu recentemente em Angola, na queda do helicóptero em que seguia. Precisamente na véspera, no Dia de Todos os Santos, completaria 23 anos, se fosse vivo, o Faustino — tratávamo-lo por «Alentejano» — também arrancado à vida por um desastre brutal. Tinha 14 anos quando terminou seus dias sob o peso dum tractor. Foram 4 vidas jovens que o Senhor da vida e da morte quis chamar a Si. Foram estas 4 vidas que nós lembrámos naquela tarde em volta dos túmulos de dois deles, com as nossas orações, com o nosso recolhimento e respeito. O Sr. Padre Acílio presidiu a esta hora solene e quente, como quente foi também o aproximar de diversas pessoas que vieram incorporar-se connosco na mesma fé e nas mesmas intenções.

Nesta romagem de saudade e de amor, vi poucos rapazes e raparigas presentes. Quase tudo pessoas de idade. Será que a presença dos mortos é incómoda ou fará dores de consciência à juventude?... É dever, é obrigação, que ao menos neste dia a gente se lembre de todos aqueles que foram como nós e já partiram deste mundo. Não seja mais, «roubemos» um minuto por todos os que foram nossos, por todos quantos em vida nos ajudaram, pelos que com sacrifício e generosidade contribuíram para sermos o que somos. Que ao menos por esses a gente se lembre de entrar no cemitério no Dia dos Fideis Defuntos!

Nunca em cemitério algum eu vi este letreiro: «Proibida a entrada aos jovens dos 16 aos 25 anos. Apenas autorizada aos velhos e crianças de tenra idade». E nunca ninguém de certeza ensinou, nem consta esquecer que alguma vez se tenha ensinado na Escola, na Catequese ou em Família que assim é...

Rogério

Paço de Sousa

P.e MANUEL ANTÓNIO — Está connosco o Sr. P.e Manuel António da nossa Casa do Gaiato de Benguela. A sua vinda foi muito bem acolhida por todos. Aliás, nós, os mais velhos em especial, recordamos o P.e Manuel de há uns anos atrás, quando ainda era co-responsável pela Casa de Paço de Sousa.

Esperamos realmente que descanse o suficiente do esforço e trabalho ingente que tem vindo a realizar como fundador da Casa do Gaiato de Benguela.

CASAMENTO — Mais um casamento, e por conseguinte, mais um dia festivo na Família.

Desta vez contrairam matrimónio c João Evangelista e a Fernanda.



O João Evangelista e a Fernanda.

Tal como os outros já realizados, felizmente tudo correu bem. Graças a Deus não houve problemas de maior. E quem dera que assim seja para todos.

Desde já, as nossas felicitações. Esperamos que sejam fideis à escolha que fizeram um do outro. E, futuramente, veremos os frutos a desabrochar para a felicidade.

MAGUSTO — Este ano ainda não tivemos o nosso magusto! Motivo: vários imprevistos. Tínhamos, como apropriado, o dia de S. Martinho; mas a ausência dos vendedores do nosso Jornal obrigou a marcação de outra data — que será próxima.

Henrique Ribeiro Fernandes

MALANJE

HORAS DE RECREIO — Em nossas Casas há as chamadas horas de recreio em que os rapazes brincam nas variadíssimas distrações; as brincadeiras têm períodos, por exemplo a dos arcos em que tratam todos de arranjar arcos de barris e jantes de bicicletas para poderem entrar nas corridas, ou até mesmo quando se manda um rapaz a algum sítio e que o recado seja rápido, dá-se-lhe um arco e aí está a velocidade.

Actualmente é a época dos carros. Cada rapaz arranja o carro mais moderno que pode imaginar, consoante as idades. O Maxinde, que caminha para os seus 16 anos, ainda é menino de carrinho, a que podemos chamar de «bólide».

O leitor dirá, talvez, que o «bólide» vale pouco e que é uma fan-

tasia. Mas não vale só o que vale dinheiro. Que seria então do amor e da amizade, que nenhum dinheiro do mundo pode comprar?

Já pensou que os carros que fazem podem ter ensinado a ocupar o tempo?!

E não me digam que para fazer um «bólide» desses basta ter material. Não; fazer é uma coisa difícil; é preciso também aprender.

Os carros contribuem assim para a educação dos rapazes. Mas o principal valor dos carros está no valor da imaginação com que eles são inventados.

VISITANTES — Estiveram entre nós vários visitantes, destacando-se entre muitos o Américo de Benguela que veio passar alguns dias, e o nosso P.e Baptista, do Calvário de Beire, acompanhado do Carlitos, um dos rapazes mais velhos da Obra, ambos de passagem para Benguela, onde estarão algum tempo.

ELEIÇÕES — Oportuno será também, em brevíssimo resumo, dar um apontamento sobre as nossas eleições, no passado dia 15. Um dia festivo, para que a malta mais pequena se apercebesse do acontecimento. Foi eleito, como chefe maior, o Quim e sub-chefe o Fernando «Alinho».

A eleição realizou-se à maneira tradicional, com a presença do Américo que, uma semana antes de ela se ter processado, disse o sentido que ela tem, para o bem-estar da nossa Comunidade.

OBRAS — Uma das melhores notícias que aqui deixo ficar, já divulgada, é a construção de mais uma casa de habitação para 25 rapazes que faz parte do plano de conjunto da nossa Aldeia.

Já pensou que esta fase de construção da nossa Aldeia acarreta despesas? Não incluindo as nossas despesas quotidianas...

É necessário cimento, pedra, areia, tijolo, telha, e vencimento dos operários.

Vamos começar esta casa sem um tostão nos bolsos! Parece impossível como ainda agora acabamos de realizar as nossas festas (que nos deram um rendimento, vá lá, aceitável em todos os aspectos) e as coisas que eram simples começam a complicar-se com despesas que não contávamos, sobretudo a reparação do tractor que é preciso, agora, para a nossa agricultura e da «Toyota» — as duas somadas vão para uma centena de contos...!

Tomás

MIRANDA DO CORVO

NOVO CRONISTA — Aparece-vos, hoje, outro cronista, para vos contar mais um pouco da vida da nossa Casa. Mas, antes disso, quero que os amigos leitores fiquem a saber quem eu sou.

Vim de Lisboa, onde estava com uma tia, vai fazer quatro anos e aqui encontrei o meu novo lar. No fim de meio ano entrei para a oficina de carpintaria, onde já fiz bastantes trabalhos.

Este ano veio a Telescola para a nossa Casa e eu aproveitei a tirar esse pequeno curso, que pode dar seguimento a outro maior. Também vos posso dizer que sou ribatejano.

Nasci em Santarém. Fiquei sem mãe quando tinha um ano. E sem pai em pequenito. Tenho dezoito anos.

A NOSSA ALDEIA — A nossa Aldeia cresce em população e em habitações. E, com certeza, tem de continuar a crescer, pois há ainda muitos rapazes abandonados. Por isso, estamos a fazer umas oficinas novas. Esta semana vieram os homens montar o telhado e já colocaram as vigas para o assentamento da chapa.

AGRICULTURA — O nosso milho ainda está nas eiras, à espera dos dias de maior calor para se poder estender e secar mais rapidamente. Valerá a pena? Andamos com ele às voltas, há já bastante tempo. Primeiro, as chuvas não deixaram recolher as espigas da terra. Agora, o sol é pouco para o secar. Respondendo à pergunta de há pouco: Sim, vale a pena, nem que seja só para saborearmos o nosso trabalho, que foi bastante.

FUTEBOL — Não podia faltar a nossa secção de futebol! Mas só para vos dizer que gostaríamos que viessem jogar connosco grupos desportivos do nosso nível.

Ficamos à espera.

Manuel Zé

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

NATAL — O Natal está à porta. Como Festa de Família, não deixaremos de mimosar os nossos Pobres com a respectiva consoada. Fruto de tantas renúncias! É, verdadeiramente, uma consoada de mãos dadas. Estarão os nossos leitores — materialmente e espiritualmente; estaremos nós — como recoveiros; e, no meio dos amigos que representamos, estará o Senhor Jesus — Centro e Fundamento da nossa acção.

Com apelos ou sem apelos não veni quinquena ao mundo sem a participação activa, entusiástica, dos leitores do nosso Jornal, para quem a Caridade é Universal, segundo os preceitos do Mestre.

UM CASO — Lembrem-se do homem da motoreta, focado na última edição? Lá foi, pelo seu pé, sózinho, algibeira quente, fazer a compra — com todos os descontos possíveis.

Curioso: Além das limitações lucrativas, o fornecedor, nesse mesmo dia, pôs de lado normas para casos idênticos e depositou, logo, o veículo nas mãos do comprador! Mais: «Ofereceu-me um capacete!» — exclamou o nosso homem. Mais ainda: «Encheu-me o depósito!», acrescentou felicíssimo.

A nossa fundamental missão de recoveiros é dar a mão aos prostrados — por sua culpa ou de terceiros. E motivar a promoção dos que tiverem capacidade. Nunca, como hoje, foi tão necessário dar a mão, ainda que escandalize gregos e troianos. Foi, para nós, tão gostoso, nesta altura, relembrar a acção eficaz dos vicentinos lundenses, focada por Pai Américo no livro «Viagens», a reeditar! Escandalizavam. E continuarão a escandalizar. Porquê?

CONTINUA NA QUARTA PAGINA

Cont. da PRIMEIRA Página

semana que se segue a esta em que estamos.

São estes os dados relativos às pessoas da família em causa:

Ele — F. de 46 anos — pedreiro.

Ela — A mulher, de 42 anos — doméstica, bastante doente.

Filha — F. de 14 anos — em casa com os pais.

Obs.: A meu ver o que parece mais justificar o pedido do auxílio é a idade de ambos e a pouca saúde da esposa.

Em nome deles agradeço o que venha a poder fazer se achar que as circunstâncias expostas o fundamentam.

PATRIMONIO DOS POBRES

E não posso dizer-lhe que prometo não o abordar mais para isto, pois creio que outros casos irão surgindo e eu fico bem satisfeito e o Senhor Padre não menos, por certo».

Como negar a mão a quem com tanta dignidade se habilita a um pequeno auxílio, que vale mais e produz mais como testemunho de solidariedade, do que pelo seu valor material? Por sua mão e com ajudas

ele irá levantando paredes. Mas, a telha?... as madeiras?... os acabamentos?... Nós aparecemos a título da telha, mas nem já a ela chegamos, que o seu preço subiu e a espessura das fatiazinhas que vamos partindo, permanece de há muitos anos. Ainda assim que estímulo ela não tem sido e continua a ser!

Pois, meu Padre, ande lá. Alegre-se com os que se não conformam com viver enterrados em vida e mande notícias destas sempre que for justo.

Que o prognóstico se cumpra: «creio que outros casos irão surgindo...». E que os nossos leitores, como até agora, permitam e partilhem esta nossa satisfação.

Outra carta:

«Venho mais uma vez pedir ajuda para 3 paroquianos meus que já têm as casas quase terminadas.

São eles:

F. — um lavrador pobre mas que deve algum dinheiro. A casa está praticamente feita, faltando os acabamentos.

F. — operário numa serração e que está a viver com 3 filhos numa sala única e cozinha.

Uma viúva e 5 filhos menores. O marido faleceu de desastre e dormiam todos juntos num único quarto. Com o dinheiro que recebeu no Tribunal de Trabalho por uma questão com a empresa, resolveu fazer uma casa. Os lavradores deram madeira e a casa já está quase feita.

Além disso a casa onde residia foi vendida e o novo proprietário quer ocupá-la para o Natal.

São três casos que merecem especial atenção até porque havia perigo moral».

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA Página

Tem-nos vindo à ideia lançar pregão de um cortejo pré-construção e equipamento das novas oficinas. Mas, não. Não organizamos, pois já se organizam tantos!... Preferimos que venha um de cada vez, por sua própria iniciativa. Que ninguém falte, sobretudo os mais amigos. São precisas tantas máquinas! E se algum amigo quisesse ter alma para oferecer uma à sua conta!... Há tantos com dinheiro e há tanto dinheiro mal gasto! E nós somos obrigados a mendigar migalhas.

Aqui fica um pouco da nossa vida e o nosso pregão. Nós ficamos de porta aberta.

Padre Horácio

Estas notícias chegaram hoje, com os 12 contos mais os 1000\$ da véspera.

Nem são sequer das mais dramáticas que nos têm chegado! Mas foram uma resposta para o Manuel Pinto e para mim.

E uma confirmação da doutrina de Pai Américo: «São os

Pobres que trazem em sua necessidade o preciso para a remediarem».

Nós cremos nesta doutrina e jamais esta crença foi desmentida. Só é necessária entre a necessidade e o remédio, a inclusão do amor fraterno.

Este transmudará um no outro. Também ele não há-de faltar!

Areias do Cavaco

A educação é ponto de partida para exigências salutaras do homem. Padrões de vida infra-humanos vão caindo, pouco a pouco, para dar lugar a vida mais digna, mais saudável, mais feliz. Estamos; devemos estar todos empenhados a sério em arrancar da miséria, a maior parte das vezes imerecida, a maioria da população que nos rodeia.

Bem se esforçam entidades oficiais e, cegos andaríamos se não reconhecêssemos esse esforço, para dar a todos oportunidade de subir as escadas da vida. São os liceus, são as escolas técnicas, são as escolas primárias semeadas por toda a parte, como porta aberta para uma sociedade mais igual, mais livre, mais capaz de se desenvolver a partir de dentro.

Temos que reconhecer, porém, com toda a humildade, que vamos ainda no princípio. Nem nos iludamos, sequer, a partir da multidão que vemos sair e entrar nas escolas. Há grandes massas de gente que ainda não entraram pela porta da instrução. Vemo-las à nossa volta e ficamos inquietos perante a nossa incapacidade de momento. É necessário pegar-lhes na mão. E porque não, na fase em que se encontram? É necessário ir às sanzalas onde vivem. Ajudá-las a vencer tantas coisas; tantas coisas que se sabem quando descemos até elas e só quando descemos até elas!

Este é, porém, ponto de partida para tudo o mais. É ponto de partida de dentro do próprio homem.

Que prazer, quando nos dizem que vão construir a sua casa, com as divisões precisas para os pais, filhos e filhas! Por norma, são famílias numerosas. Triste seria se matássemos à nascença desejo tão legítimo com o nosso desinteresse, indiferença ou falta de entusiasmo. Mas não basta. É preciso de nossa parte um serviço efectivo. Todo o serviço é amor. É necessário, pois, um amor efectivo, concreto, inteligente, traduzido em verdadeira ajuda, com o respeito devido ao que o próprio é capaz de pôr ao serviço de seu ideal — ter uma casa sua. Estes ideais semeiam-se. Ele há tantas maneiras de servir; tantas maneiras de ajudar!

Nesta campanha de dar a cada família uma casa para viver (casa — não barraca), empenhem-se entidades oficiais e particulares também. Aqui, porém, uma tentação perigosa. Fraco como é o homem, facilmente se deixa seduzir pelas aparências em prejuízo do ser.

Se deixa seduzir pela fachada que não corresponde à verdade. Dito do indivíduo, dito de entidades. E, na tentação de fazer para mostrar (fizeram-se tantas casas...), acontece que famílias normais, com pais filhos e filhas se vêem obrigadas a viver em promiscuidade clamorosa, como dantes. Aqui, como em outros campos, a quantidade não traduz solução de problemas.

Quando está o homem em jogo, com tudo o que se relaciona com os seus sagrados direitos, como de ter uma casa para viver em família, há que redobrar de cuidados e delicadeza.

Neste momento meus olhos e pensamento vão para o bairro de N.ª S.ª dos Navegantes. Ao lado de um bairro novo, alegre, airoso, que nasceu e cresceu num instante, outro, também de materiais definitivos, cresceu, mas, de tão pequeninas as casas, não podem receber uma família normal. E estas deveriam beneficiar de critério de prioridade. E é tão grande a nossa terra! Como somos pequeninos!

Num dos jornais metropolitanos, veio há dias descrito o grande plano de demolição de várias ilhas da cidade e a sua substituição por um bairro de casas limpas e saudáveis. Tudo foi previsto. Não se trata de mera transplantação de gentes. Se o fosse, o resultado estaria, à vista. Aquele bairro, em breve, seria imundo como o era a «ilha».

O nosso pensamento, aqui de longe, poisa sobre os bairros suburbanos da nossa cidade. Barracas a desaparecer de determinados locais, por força da lei. Não podem lá estar. São os planos de urbanização que exigem. É o embelezamento da cidade que o pede e há que ter em conta. Deste modo, vão parar a outros locais. Dá-se terreno a quem quer construir. Ali é cidade também. E surge um amontoado de casas (porque não chamar barracas?) a crescer de qualquer modo, sem a assistência necessária, a transformar um lugar que poderia ser alegre num lugar triste e desolador para os pais e para os filhos.

Padre Manuel



RETALHOS DE VIDA

O Seixas



Sou natural de Fontelonga, da região do Alto-Douro, onde nasci a 25 de Julho de 1953 — o mais novo de duas irmãs e um irmão.

Felizmente, ainda existe a minha mãe e o meu pai. A minha mãe, porém, é que tem dispensado mais amor, a mim e aos meus irmãos. Meu pai nunca agiu como um verdadeiro homem. Ai vai a história do abandono a que nos votou:

Tinha eu dois anos quando foi trabalhar para uma barragem, próximo de Miranda do Douro.

Nessa altura mandava dinheiro à minha mãe, o suficiente para sobrevivermos.

Depois, começou a mandar pouco, quase nada, para alimentar e vestir quatro filhos. Era o princípio do seu egoísmo.

Então a minha mãe começou a exasperar-se.

Tinha eu cinco anos quando nos abandonou completamente. A minha mãe é que eu devo tudo. Muito lutou pra nos alimentar. Vivía com muitas preocupações; e ainda hoje.

Fiz a instrução primária no Alto-Douro; a 4.ª classe com 11 anos.

Ainda estive a aprender a arte de alfaiate, na minha terra, onde era considerada «capitalista».

Por isso, sei pregar botões e coser. Faz-me jeito, quando prestar serviço militar.

Com 12 anos, em Janeiro/65, vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Aqui encontrei um ambiente muito diferente daquele a que estava habituado; e maneiras muito diferentes de se viver o quotidiano. Tive, então, o problema de adaptação.

Ainda me lembro de querer fugir, quando me disseram que tinha de rapar o cabelo, por motivos higiénicos.

Era inverno... Mas não me constipei!

Quando cheguei perguntaram-me se desejava continuar como alfaiate. Outros diziam que era melhor ir para tipógrafo, uma arte intelectual e com possibilidades de me tornar mais culto.

Desculpem não ter já apresentado um irmão meu, também educado nesta Escola de Homens. Veio para cá, quando eu era pequeno. Este também me influenciou para seguir como tipógrafo.

Estive durante um ano na casa-mãe. Varria o refeitório, limpava as mesas. Não esqueço as boas merendas que a senhora me dava, quando esfregava bem o refeitório! Antes disto, estive a trabalhar no campo, com a respectiva enxada.

Tinha 14 anos quando dei entrada na tipografia, arte do meu gosto. Encontro-me na secção de impressão, onde felizmente aprendo, e que mais tarde será o meu ganha-pão.

Frequentei a Telescola-Ciclo Preparatório T. V., para me valorizar um pouco.

No exame tirei média de 13 valores.

Também exerço o cargo de Chefe dos Cicerones na nossa Aldeia.

Tenho, actualmente, 18 anos e encontro-me satisfeito neste ambiente. Aqui aprendo o que quiser; a escolha é livre.

A nossa Casa tem um grande objectivo — fazer homens.

Termino aqui a história da minha vida infantil e adolescente.

Muito mais teria que dizer, mas «O Gaiato» é pequenino. Aqui tendes o resumo de uma vida inquieta, que foi cheia de dificuldades, mas cada vez mais risonha, mercê da nossa Obra.

António João de Seixas

N. da R. — Esta coluna não é exclusiva de Paço de Sousa. Mas de todas as nossas Comunidades. Vamos acordar?...

Sempre tivemos muito respeito e a maior consideração pelos pergaminhos e títulos legitimamente adquiridos pelos trabalhos e canseiras dos homens. Importa, porém, ser digno deles e mal de nós se adormecemos à sua sombra. De resto, aprioristicamente, todo o ser humano tem direito ao respeito e à consideração dos seus semelhantes, sem discriminação de qualquer espécie.

O que não suportamos são as honras feitas ao dinheiro e um conceito que leva a medir as pessoas pelo que têm ou deixam de ter do vil metal. É que, e pensamos estar no recto caminho, o que torna os homens grandes são as qualidades de carácter que os ornaram.

O resto constitui mero acidente e se o ter pode representar qualidades positivas, pode manifestar também, infelizmente, como aliás o não ter, a ausência delas.

Por se perder a justa perspectiva acima explanada, no ambiente familiar, no plano

Agu Lusboa

individual e no âmbito social, é que a ostentação se multiplica e a ambição desmedida grassa cada vez mais, com as consequências deletérias que se apalpa. Parecer que se é rico e arranjar meios para o demonstrar constitui nos nossos dias uma meta, sabe Deus à custa de que atropelos e distorções. Desta mentalidade resulta o espectáculo triste duma juventude mal motivada e da multiplicidade de crimes e desvarios de que os jornais nos dão conta.

Numa Casa de jovens como é a nossa, também sentimos os reflexos do clima geral. Simplesmente, como apesar de

tudo ainda não nos demitimos, sem deixar de buscar o equilíbrio do razoável em face das pretensões ou dos anseios que nos são postos ou nos apercebemos, não queremos abdicar de dizer «sim» ou «não» quando os devemos pronunciar. Esta coragem é que falta a muitos pais e educadores; aliás, muitas vezes os primeiros interessados em mostrar importância à custa de vão exibicionismo e até de sacrifícios incomportáveis. Depois, quando querem voltar atrás, já não são capazes, ou é impossível.

A propósito destas considerações despreziosas, queremos também aqui mostrar o

nosso desacordo quanto ao critério discriminatório que tantas vezes surpreendemos nos noticiários dos jornais. Queremos referir-nos à indicação ou à impressão dos nomes dos jovens delinquentes. Se se trata de filhos de gente simples ou modesta, tantas vezes de grande nobreza de alma e sem mancha, logo são escarrapachados em letra de imprensa; se os prevaricadores, alguns até, com substancial cadastro, são de gente considerada importante, tudo se omite. Não compreendemos. Que se procure dar a mão e evitar a vergonha das famílias, às vezes sem culpa, quando se trata de de-

linquência primária, compreendemos; o que não percebemos é a dualidade das atitudes, até porque, quanto mais se é ou se tem, mais responsabilidade há. Não julgamos ninguém. O que desejamos é que houvesse igualdade de tratamento, pois tanto desgosto ou desonra sente uma família pobre de recursos materiais, mas rica de sentimentos, como um agregado familiar de abundantes meios materiais ou de grande nome. Para mais, os dotes morais não são necessariamente directamente proporcionais aos valores materiais.

Padre Luiz

AS NOSSAS EDIÇÕES

No prelo — o livro «Viagens»

• NOVOS ASSINANTES DA EDITORIAL

Nas últimas reedições do «Isto é a Casa do Gaiato» — 1.º e 2.º volumes — inscrevemos, com muito prazer, cerca de 1.000 novos assinantes em nossa Editorial.

Exultamos, naturalmente, com o abraço amigo de novos amigos. Porque, desde sempre, suspiramos todos se inscrevamos como assinantes do Jornal, sim — mas, também, da Editorial. São muitos os leitores-avulso do «Famoso»! E mais ainda os assinantes do Jornal que não pertencem à Família da Editorial! Cerca de vinte e tal mil...

• 2.ª EDIÇÃO — REORDENADA E AUMENTADA

Está no prelo e sairá dentro de poucos meses — conforme a nossa vida permitir — a 2.ª edição, reordenada e aumentada, do livro «Viagens». A primeira, que data de 1954, serviu 5.000 amigos e esgotou-se num ápice! Jaz — com vida — na prateleira, ou biblioteca, de muitos, como joia preciosa, que é. Na altura, houve até quem levasse a sua devoção ao ponto de mandar encadernar a obra, luxuosamente. Contraste flagrante: dum lado a riqueza literária e doutrinária, mai-la preciosidade artística de encadernação; do outro, valha-nos Deus!, a pobreza da apresentação gráfica e o desordenado trabalho dos compiladores, em que nos incluímos,

e fora motivo de belo desabafo e esclarecimento poético de Pai Américo... Por isso mesmo, apurámo-nos, agora, mais um nadital!

A 2.ª edição do «Viagens» é, sem dúvida, mais qualificada: itinerários e cronologia certos; revisão cuidada (surgirão grafias esporádicas — de que ninguém está livre...); aumento de matéria, importantíssima, omitida na primeira edição — por necessidade ou negligência; e uma parte nova — a última — sobre a viagem de Pai Américo à Madeira. Os madeirenses agucem o apetite...

• QUEM NÃO FOR ASSINANTE DA EDITORIAL RECEBERÁ UM POSTAL RSF

Esta notícia é «aperitivo». Chamada geral para activar o apetite dos que nunca pousaram os olhos nas obras singulares de Pai Américo, e também para os felizes possuidores da primeira edição — baralhada, incompleta, e, por isso, com particular valor estimativo.

Claro, seria estultícia!, nem todos os 50.000 leitores de «O Gaiato» se darão ao cuidado de procurar as nossas edições. Daí, atendendo às características do tempo (que foge a galope como nunca — nos locais de trabalho e na própria vida privada...), decidimos enviar, oportunamente, aos assinantes do Jornal — que não sejam da Editorial — um postal-requisição, tipo RSF (RESPOSTA SEM FRANQUIA), adoptado pelos CTT. O destinatário não terá mais que dizer sim — respondendo aos quesitos com um simples risco nos quadrados correspondentes — e lançar o postal (com a assinatura e morada bem legíveis) no primeiro marco do correio.

Poupará tempo. E evitará incómodos nos «guichets» de selos dos CTT. Fácil. Prático. Acessível.

Temos de acompanhar as facilidades da época. E suprir um defeito comum da maioria dos homens: **vou encomendar o livro amanhã...** Porém, esse **amanhã** (ouvimos o desabafo tantas vezes!) quando não foi, será muito distante — no tempo e no lugar. Não é verdade?

Evidentemente, gastaremos um pouco mais. Todavia, o vil-metal é um meio e não um fim. E das respostas, sejam poucas, sejam muitas — daremos graças a Deus.

Entretanto, como seria óptimo — antes da postalada — os leitores confirmarem a sua inscrição como interessados no livro «Viagens» — e como assinantes da nossa Editorial! Não publicamos mais do que uma obra por ano... Pouparíamos trabalho ao grupo «Eusébio» & C.ª Lda.

Têm a palavra, desde já, os mais atentos. Os outros não tardarão a ser acordados.

Júlio Mendes

COLEÇÃO EDITORIAL DA CASA DO GAIATO

Volumes publicados, da autoria de Pai Américo:

1. PAO DOS POBRES
1.º volume (3.ª edição) — esgotado
2. PAO DOS POBRES
2.º volume (3.ª edição)
3. PAO DOS POBRES
3.º volume (2.ª edição)
4. OBRA DA RUA
(2.ª edição, aumentada)
5. ISTO É A CASA DO GAIATO
1.º volume (2.ª edição)
6. ISTO É A CASA DO GAIATO
2.º volume (2.ª edição) — no prelo
7. BARREDO
esgotado
8. OVO DE COLOMBO
(2.ª edição)
9. VIAGENS
10. DOUTRINA
esgotado
11. A PORTA ABERTA
(Obra compilada por Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte)

A ESCOLA

Começou este ano a funcionar em Miranda do Corvo um posto de Telescola. É a terceira das nossas Casas a tê-lo — fruto, já, de uma experiência positiva de alguns anos em Setúbal e Paço de Sousa.

Naturalmente que, sendo nós uma Obra de educação — tanto, pelo menos, como de assistência — seguimos com enlevo todo o esforço que se vai fazendo pela promoção cultural da nossa Juventude. Mas, surge-nos a dúvida sobre a fecundidade da fonte que há-de dar educadores para tantas, tantas novas escolas criadas, sabido que um educador, suposta a vocação para sê-lo, não se adentra para a função com duas pinceladas. Ora nós vemos para aí muitos jovens erigidos em professores de outros um pouco mais jovens, que ingressaram por esse caminho como ganha-pão, modesto, sim, mas acessível (o que, na generalidade, não deixa supor muita exigência a respeito de vocação); e sem qualquer preparação pedagógica, ou, quando muito uma preparação demasiado próxima para ser assimilada, e feita à pressa.

Todos sabem que aqui em Casa não somos muito devotos de Santa Técnica; muito mais o somos da dedicação e até da intuição, virtudes raras que, quando presentes, até são capazes de suprir e suplantar as maravilhas da Técnica. Mas, quando falta uma e outra — então que há?... Ora como sempre é mais acessível ao comum dos homens técnica do que dedicação — eis a razão por que deploramos a falta de uma preparação remota, amadurecida, naqueles que se irão ocupar de tarefas educacionais.

Nesta perspectiva — confirmada pela nossa experiência — é que temos em bastante consideração a Telescola e nos parece que seria mais útil e mais rentável difundi-la, em relação ao Ciclo Preparatório tradicional.

É uma forma de ensino mais caseiro, menos de grandes números.

E quem hesitará entre as vantagens do pequeno grupo sobre a multidão?!

Por isso se conformará mais à exiguidade de alojamento, dispensando grandes e dispendiosos edifícios.

É uma forma que gasta para

todo o País apenas tantos Professores quantas as disciplinas professadas. Uma dúzia bastará, ainda que as mesmas disciplinas nos dois anos sejam dadas por Professores diversos! Que exigente escolha tal não permite!

E depois terá, geralmente, como monitores, Professores primários, os quais têm uma preparação pedagógica superior à de grande número dos Professores improvisados para o Ciclo tradicional; e a quem basta seriedade na preparação dos tempos de exploração, já que a Telescola os mune antecipadamente de todo o necessário para que a improvisação possa ser quase completamente banida das aulas que lhes compete assistir.

Oxalá nestes assuntos não se intrometam jamais, interesses, pontos de honra pretensamente feridos — numa palavra a mesquinhez humana, que rouba eficácia ou rendimento a tantas iniciativas ao serviço do Homem.

Cont. da SEGUNDA página

Ainda hoje, é um facto, «não se pode ver uma camisa lavada a um pobre» — como o povo diz, tão sabiamente.

DONATIVOS — À frente, vão 100\$ de Vila Real, do assinante 18331. Évora presente com «um cheque de 50\$00 (migalha), para poder ajudar outros idosos». É um *Anónimo*. Agora, vem lá o Porto com 50\$00: «É pouco mas dádo com o coração. O inverno está à porta...». Muito bem! V. N. de Gaia 60\$00 de A. F. — cotas de Setembro a Novembro. Assim, sim. Admirável perseverança! Mais uma oferta da Nazaré. Outra vez Porto, com 20\$00. E mais 20\$00 do assinante 4546. Finalmente, a legenda formosa, espiritual: «Para os meus irmãos da Conferência, com toda a amizade fraterna de Uma Assinante do Seixal — 600\$00». Demos graças a Deus!

Os donativos devem ser remetidos em nome da Conferência de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

JÚLIO MENDES

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

